

# GTA | Guião de Trabalho Autónomo n.º 15

## Português 12.º ANO

### Tema 3: Poesia dos Heterónimos

#### Subtema 2: Alberto Caeiro - *O Mestre*



PORQUÊ APRENDER SOBRE...?



O QUE VOU APRENDER?



COMO VOU APRENDER?



O QUE APRENDI?



COMO POSSO COMPLEMENTAR A  
APRENDIZAGEM?



## PORQUÊ APRENDER SOBRE...?

Alberto Caeiro, o mais natural dos heterónimos pessoanos, revela, em *Quando vier a Primavera*, a sua filosofia do olhar puro e direto. Ao estudares este poema, compreenderás como Caeiro rejeita o pensamento abstrato e privilegia a sensação imediata. A sua visão da natureza como realidade autossuficiente, sem simbolismos ou metafísicas, oferece uma lição de autenticidade e simplificação que permanece relevante na nossa complexa era digital.



## O QUE VOU APRENDER?

### **NO DOMÍNIO DA ORALIDADE:**

- Identificar marcas reveladoras das diferentes intenções comunicativas.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.
- Fazer apresentações orais para apresentação de sínteses e de temas escolhidos autonomamente ou requeridos por outros.

### **NO DOMÍNIO DA LEITURA:**

- Interpretar o texto, com especificação do sentido global e da intencionalidade comunicativa.
- Clarificar tema(s), subtemas, ideias principais, pontos de vista.
- Utilizar criteriosamente procedimentos adequados ao registo e tratamento da informação.
- Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas.

### **NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA:**

- Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas no século XX.
- Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos constitutivos do texto poético e do texto narrativo.
- Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.
- Comparar textos de diferentes épocas em função dos temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais.

### **NO DOMÍNIO DA ESCRITA:**

- Escrever textos de opinião, apreciações críticas, exposições sobre um tema.
- Planificar os textos a escrever, após pesquisa e seleção de informação relevante.
- Redigir com desenvoltura, consistência, adequação e correção os textos planificados.



## COMO VOU APRENDER?

GTA 14: A filosofia do olhar em *O Guardador de Rebanhos*

GTA 15: *Quando vier a Primavera* e a naturalidade do existir

## Tema 3: Poesia dos Heterónimos

Subtema 2: Alberto Caeiro - *O Mestre*GTA 15: *Quando vier a Primavera e a naturalidade do existir***Objetivos:**

- Analisar *Quando vier a Primavera* como expressão da filosofia sensacionista de Alberto Caeiro, o poeta “bucólico”.
- Identificar no poema os elementos que revelam a relação direta e objetiva com a Natureza através do primado das sensações.
- Explorar como Caeiro rejeita a interpretação intelectualizada da Primavera em favor da experiência sensorial direta.
- Reconhecer a tensão entre o conhecimento intuitivo e o pensamento abstrato presente no poema.
- Refletir sobre o poder transformador do olhar despojado de Caeiro face aos fenómenos naturais.

**Modalidade de trabalho:** pequenos grupos e individual.

**Recursos e materiais:** manual, cadernos e *internet*.

**ETAPA 1: Exercício Introdutório – Preparar o olhar**

Alberto Caeiro acreditava que pensar demais atrapalha a verdadeira percepção das coisas. Para ele, ver uma flor era apenas ver uma flor — não era símbolo, metáfora ou ideia. Era só aquilo que é. Como ele próprio diz:

*Creio no Mundo como num malmequer,  
Porque o vejo. Mas não penso nele  
Porque pensar é não compreender...  
O Mundo não se fez para pensarmos nele  
(Pensar é estar doente dos olhos)  
Mas para olharmos para ele e estarmos  
de acordo...*

“O Guardador de Rebanhos”. In **Poemas de Alberto Caeiro**.  
Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993).



Imagem 1: *Paisagem natural com um Malmequer*  
DALL-E, 2025



Tendo o que foi referido em consideração **realiza** agora as seguintes atividades:

**1. Escolhe** um objeto simples e natural à tua volta — uma folha, uma flor, uma pedra, uma nuvem.

Durante um minuto, **observa-o** em silêncio. **Não o julgues, não o expliques. Tenta** apenas vê-lo como ele é.

A seguir, **responde** no teu caderno:

- O que viste?
- Consegues descrevê-lo sem usares metáforas, sentimentos ou ideias abstratas?
- Foi difícil? Porquê?

**2. Lê** as seguintes afirmações de Caeiro e **escolhe** a que mais te intriga ou desafia:

- “As coisas não têm significação: têm existência.”
- “Pensar numa flor é vê-la e cheirá-la.”
- “Sejamos simples e calmos, como os regatos e as árvores.”

Agora **responde** no teu caderno:

- Qual destas frases te parece mais provocadora ou estranha? Porquê?
- Concordas que ver e sentir podem ser mais importantes do que pensar? Explica a tua resposta com um exemplo do teu dia a dia.

**3. Imagina** que perdias, por um dia, a capacidade de dar nomes às coisas. **Vias** tudo, mas não podias nomear nada.

- Como achas que isso mudaria a tua forma de olhar para o mundo?
- O que te restaria, se não pudesses usar palavras para descrever o que vês?

## ETAPA 2: Interpretação de um poema

**Visualiza** o seguinte vídeo em que o ator Pedro Lames recita o poema *Quando vier a Primavera* de Fernando Pessoa.



[Quando vier a primavera,  
de Fernando Pessoa, dito  
por Pedro Lames](#)



Lê agora atentamente o poema e **realiza** as seguintes atividades no teu caderno:

Quando vier a primavera,  
Se eu já estiver morto,  
As flores florirão da mesma maneira  
E as árvores não serão menos verdes que na primavera passada.  
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme  
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.

Se soubesse que amanhã morria  
E a primavera era depois de amanhã,  
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.  
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?  
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;  
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.  
Por isso, se morrer agora, morro contente,  
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.  
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.  
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.  
O que for, quando for, é que será o que é.

**CAEIRO, Alberto**, *Poesia (Poemas Inconjuntos)*, ed. Fernando Cabral Martins, Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, p. 109

**Estabelece** a correspondência entre as temáticas apresentadas e os versos do poema de Alberto Caeiro. **Preenche** a tabela indicando qual ou quais os versos que melhor expressam cada temática.

Temática	Verso(s) do Poema
Passagem do tempo	
Ciclo da natureza - Estações	
Morte percecionada e representada como algo natural	
Aceitação da realidade e da vida	
A realidade não depende da vontade do sujeito poético	
Indiferença face aos rituais fúnebres	
Há um tempo exato para tudo / Integração e comunhão com a Natureza	



Responde agora às seguintes questões no teu caderno:

- 1. O poema começa com a hipótese de o sujeito poético já estar morto quando chegar a primavera.**  
Que efeito produz esta abertura? Que visão da vida e da morte é sugerida neste início?
- 2. Considera o verso: “A realidade não precisa de mim.”**  
Que conceção do eu se revela nesta afirmação? Como se relaciona com a ideia de desapego defendida por Caeiro?
- 3. Ao longo do poema, o eu poético afirma: “Sinto uma alegria enorme / Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.”**  
De que tipo de alegria se trata? O que revela esta emoção sobre a forma como o sujeito poético se posiciona perante a existência?
- 4. A primavera, símbolo tradicional de renascimento e beleza, surge neste poema com uma função muito própria.**  
Que valor simbólico (ou antissimbólico) assume a primavera nesta composição? De que modo esta estação reforça a filosofia sensorial de Caeiro?
- 5. Lê com atenção os versos: “Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo; / E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.”**  
Como interpretas este paradoxo? Que ideia de aceitação e verdade está presente nestas palavras?
- 6. No final do poema, o eu poético mostra-se indiferente aos rituais fúnebres: “Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.”**  
O que nos diz esta atitude sobre a sua relação com a morte e com as convenções sociais? Que ligação tem com a sua visão da Natureza e da realidade?
- 7. Refere duas características formais da poesia de Alberto Caeiro que encontres neste poema. Justifica com exemplos concretos retirados do texto.**

### ETAPA 3: Produção Oral: "Falar como Caeiro"

**Grava** um texto oral (2-3 minutos) onde reflitas sobre um dos temas centrais do poema *Quando vier a Primavera*, adotando o estilo, tom e filosofia de Alberto Caeiro. **Deves incorporar** a sua visão do mundo e **imitar** a sua forma de expressão característica.

#### Sugestões de temas:

- ❖ A relação entre o ser humano e os ciclos da natureza;
- ❖ A aceitação da morte como fenómeno natural sem dramatismo;
- ❖ A importância de ver o mundo sem o filtro do pensamento abstrato;
- ❖ A simplicidade e objetividade como forma de estar no mundo;
- ❖ A indiferença face às construções culturais (como rituais ou tradições).



### Exemplos de início possível:

- ❖ "Para mim, as flores não precisam de significar nada. Basta que floresçam...";
- ❖ "Quando olho para uma árvore, vejo apenas a árvore que está à minha frente, não o que ela simboliza...";
- ❖ "A morte não me preocupa porque é tão natural como o nascer do sol...";
- ❖ "Não preciso que a realidade tenha sentido. Basta que ela exista...".

### Orientações estilísticas:

- ❖ Usa frases simples e diretas, privilegiando a coordenação em vez da subordinação;
- ❖ Emprega vocabulário quotidiano relacionado com elementos da natureza;
- ❖ Evita metáforas complexas ou simbolismos;
- ❖ Expressa-te no presente do indicativo sempre que possível;
- ❖ Incorpora contradições subtis (como é característico de Caeiro);
- ❖ Inclui referências a sensações diretas em vez de abstrações.

### CrITÉRIOS de avaliação:

- ❖ Fidelidade à filosofia sensacionista de Caeiro;
- ❖ Correção na imitação do estilo discursivo do heterónimo;
- ❖ Originalidade na abordagem ao tema escolhido;
- ❖ Clareza e fluência na expressão oral;
- ❖ Cumprimento do tempo estipulado.



## PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

### Proposta de Resolução – Etapa 1, Exercício 1

1. **O que vi:** Vi uma folha caída de plátano. Tem cerca de 12 centímetros de largura. A sua cor é castanha escura no centro e mais clara nas extremidades. Tem cinco pontas principais. As bordas são ligeiramente onduladas. A superfície não é lisa - tem pequenas nervuras que se ramificam do centro para as pontas, como linhas elevadas. Algumas partes estão mais secas e quebradiças. Tem pequenos orifícios em dois lugares. A textura é áspera ao toque, seca. Quando a segurei, fez um som crepitante. É leve - quase não senti o seu peso na minha mão.

É bastante difícil descrevê-lo sem usar metáforas, sentimentos ou ideias abstratas. Várias vezes quis dizer que a folha parecia "um mapa" ou "uma mão aberta", que era "melancólica" ou que "contava a história do outono". Percebi que estou habituado a dar significados às coisas, a compará-las com outras ou a projetar emoções nelas. Também foi difícil não usar adjetivos com carga emocional como "bela" ou "triste".

Tentei apenas registar o que os meus olhos viam e o que os meus dedos sentiam, mas mesmo assim, ao escolher o que descrever, já estou a interpretar de alguma forma. Compreendi melhor o que Caeiro quer dizer com "pensar é estar doente dos olhos" - quanto mais tentava simplesmente ver a folha como ela é, mais me apercebia de como o meu pensamento tende a transformar o que vejo em outra coisa.



## PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

2. A frase que me parece mais provocadora é: **"As coisas não têm significação: têm existência."** Esta afirmação desafia-me porque contradiz a forma como fui ensinado a ver o mundo. Desde pequeno aprendi a procurar significados e simbolismos em tudo. A ideia de que as coisas simplesmente existem, sem necessitarem de representar algo além da sua presença física, é simultaneamente libertadora e desconcertante.

Quanto a concordar que ver e sentir podem ser mais importantes do que pensar, reconheço que há situações em que isso é verdade. Por exemplo, quando estou a ouvir música, se começar a analisar tecnicamente a composição ou a estrutura da canção, perco a emoção direta que a melodia me provoca. Nesse momento, sentir é mais importante que pensar. No entanto, não concordo totalmente com Caeiro. O pensamento tem o seu valor em muitas situações da vida. Talvez o ideal seja saber quando privilegiar cada forma de conhecer o mundo.

3. Se perdesse a capacidade de nomear o que vejo por um dia, acredito que minha percepção mudaria completamente. Sem poder categorizar as coisas, seria forçado a vê-las na sua forma pura.

Os objetos já não seriam "cadeira", "árvore" ou "caneta", mas apenas formas, cores e texturas que existem diante de mim. Provavelmente notaria detalhes que geralmente ignoro porque, ao nomear algo, reduzo toda a sua complexidade a uma simples etiqueta.

O que me restaria seria a experiência direta dos sentidos: ver, ouvir, tocar, cheirar, saborear. Estaria mais presente no momento, talvez mais próximo da visão de Caeiro - um contacto imediato com a realidade, sem a interferência do pensamento que as palavras trazem.

### Proposta de Resolução – Etapa 2

Temática	Verso(s) do Poema
Passagem do tempo	"Quando vier a primavera,"
Ciclo da natureza - Estações	"A realidade não precisa de mim."
Morte percecionada e representada como algo natural	"Sinto uma alegria enorme / Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma."
Aceitação da realidade e da vida	"Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;"
A realidade não depende da vontade do sujeito poético	"E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse."
Indiferença face aos rituais fúnebres	"Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem. / Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele."
Há um tempo exato para tudo / Integração e comunhão com a Natureza	"O que for, quando for, é que será o que é."



## PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

**1.** Esta abertura cria um efeito de distanciamento e objetividade face à própria morte. O sujeito poético coloca-se fora da sua existência individual para observar a continuidade da natureza. Esta perspetiva sugere uma visão da morte como um acontecimento natural, desprovido de drama ou transcendência. A vida e a morte são apresentadas como simples estados de existência, sem hierarquia valorativa entre eles. Sugere-se que a natureza - representada pela primavera - continua o seu curso independentemente da presença humana, o que relativiza a importância do indivíduo no ciclo natural.

**2.** Este verso revela uma conceção do "eu" como entidade não essencial ao funcionamento do mundo. Caeiro apresenta um sujeito que reconhece a sua insignificância no esquema global da realidade. Esta conceção opõe-se à tradição romântica e idealista que coloca o sujeito no centro da perceção e construção do mundo. O desapego defendido por Caeiro manifesta-se precisamente nesta aceitação serena da sua irrelevância cósmica. O poeta alcança liberdade ao abandonar a ilusão de controlo ou importância: não precisa de interferir na realidade nem de lhe atribuir significados, apenas aceitá-la como é.

**3.** Trata-se de uma alegria paradoxal que nasce da libertação do peso da individualidade e do ego. É a alegria do desapego, do reconhecimento de fazer parte de algo maior e mais duradouro que a existência individual. Esta emoção revela um sujeito poético que se posiciona perante a existência com serenidade e aceitação, sem angústia metafísica ou medo da morte. Caeiro encontra paz na sua própria insignificância, pois isso significa que está perfeitamente integrado na ordem natural do mundo, sem pretensões de exceção ou transcendência.

**4.** Na poesia de Caeiro, a primavera assume um valor antissimbólico - ela é apresentada não como metáfora de renascimento ou renovação (como na tradição literária), mas como um simples fenómeno natural que ocorre no seu tempo próprio, independentemente dos significados que os humanos lhe atribuem. Esta abordagem reforça a filosofia sensorial de Caeiro porque apresenta a natureza como algo que deve ser experienciado diretamente através dos sentidos, não interpretado ou carregado de simbolismo. A primavera simplesmente "é" - as flores florescem, as árvores ficam verdes - sem necessidade de representar qualquer conceito abstrato além da sua existência concreta.

**5.** Este aparente paradoxo expressa a filosofia central de Caeiro: a realidade é independente das nossas preferências ou julgamentos. O poeta "gosta" que as coisas sejam como são, mas reconhece que elas seriam exatamente assim, ainda que ele não gostasse. Esta afirmação contém uma profunda aceitação da verdade objetiva do mundo, que existe para além das nossas preferências subjetivas. Caeiro reconhece que o seu "gostar" é secundário à realidade em si - a verdade das coisas não depende da sua aprovação. Assim, o verdadeiro contentamento vem da aceitação do mundo como ele é e não da tentativa de o moldar aos nossos desejos.



6. Esta indiferença face aos rituais fúnebres revela um distanciamento das convenções sociais e religiosas que atribuem significado transcendente à morte. Para Caeiro, estes rituais são construções culturais arbitrárias que não alteram a realidade natural da morte. A sua atitude demonstra a rejeição de qualquer metafísica ou solenidade artificial face ao simples facto de deixar de existir. Esta postura liga-se diretamente à sua visão da natureza como realidade concreta e autossuficiente, que não necessita de interpretações ou rituais humanos para existir ou fazer sentido. Tanto a Natureza quanto a morte são aceites por Caeiro na sua materialidade direta, sem necessidade de consolações simbólicas ou transcendentais.

### 7. Duas características formais da poesia de Alberto Caeiro presentes neste poema:

**Vocabulário simples e quotidiano:** Caeiro utiliza uma linguagem direta e acessível, com palavras comuns do dia a dia, evitando termos rebuscados ou eruditos. Expressões como "flores florirão", "árvores verdes", "meu caixão" exemplificam esta simplicidade lexical que reflete a sua filosofia de contacto direto com o mundo sensível, sem artifícios ou complexidades intelectuais.

**Verso livre e irregular:** O poema não segue um esquema métrico ou rimático fixo, apresentando versos de diferentes extensões que fluem de forma natural, como se fossem pensamentos espontâneos. Esta irregularidade formal espelha a rejeição de Caeiro às convenções artificiais e a sua valorização da naturalidade, como se pode ver na variação entre versos breves ("A realidade não precisa de mim") e mais longos ("E as árvores não serão menos verdes que na primavera passada").

### Proposta de Resolução – Etapa 3

"Não preciso que a realidade tenha sentido. Basta que ela exista..."

As pessoas complicam tudo. Passam a vida a querer explicar o que veem, como se ver não bastasse. Olham para as nuvens e querem ver dragões e rostos. Olham para o pôr-do-sol e falam em melancolias e saudades. Eu não. Eu vejo o sol a descer e é apenas isso que vejo – o sol que desce.

As pessoas gostam de pensar que são inteligentes quando complicam o que é simples. Eu prefiro ser simples olhando para o que é simples. Uma pedra é uma pedra. Não precisa de ser símbolo de firmeza ou de obstáculo. Não precisa de ensinar-me nada. E é por não querer que me ensine que ela me ensina tudo.

Dizem que sou poeta da natureza, mas isso é um engano. Não sou poeta de coisa nenhuma. Sou apenas alguém que vê. Ver é extraordinário quando não se pensa sobre o que se vê. As flores são apenas flores, mas são completamente flores. E isso é tudo, e isso é suficiente.



## PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

Às vezes contradigo-me e as pessoas acham que isso é um problema. Não é. A realidade não precisa de ser coerente, então por que devo eu sê-lo? Penso uma coisa agora, outra depois. Tal como o céu está azul de manhã e cinzento à tarde. Ser objetivo não é difícil – é natural. Somos nós que aprendemos a ser complicados. Uma criança é objetiva até a ensinarem a não ser. Eu apenas desaprendi o que me ensinaram. Olho para uma árvore e vejo uma árvore. Não vejo um poema, nem uma história, nem um amigo. É apenas uma árvore que está ali e eu estou aqui a vê-la.  
E isto é tudo e é o suficiente."



## O QUE APRENDI?

**Ficaste** com uma ideia clara sobre como o poema *Quando vier a Primavera* explora a relação entre existência, natureza e morte na perspetiva de Alberto Caeiro?

### És capaz de:

- ✓ compreender como Caeiro aborda a morte como fenómeno natural, desprovido de carga emocional ou metafísica?
- ✓ explicar o conceito de "naturalidade do existir" através da relação estabelecida entre o sujeito poético e os ciclos da natureza?
- ✓ reconhecer a tensão entre a afirmação de indiferença e a expressão de sentimentos como "alegria enorme" no poema?
- ✓ analisar como a simplicidade da linguagem poética reflete a filosofia sensacionista do heterónimo?



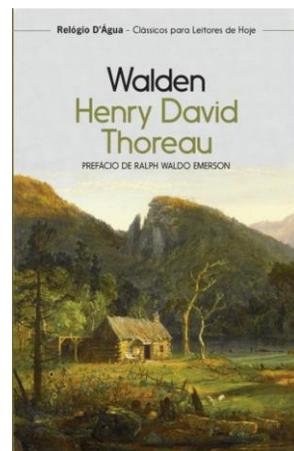
## COMO POSSO COMPLEMENTAR A APRENDIZAGEM?

Para complementar o estudo do poema *Quando vier a Primavera*, sugerimos a leitura de *Walden* de Henry David Thoreau.

Nesta obra, Thoreau narra a sua experiência de viver em simplicidade deliberada junto à natureza, longe das convenções sociais. As suas reflexões sobre a relação direta com o mundo natural ressoam profundamente com a filosofia de Caeiro. Ambos os autores defendem um olhar direto e não-mediado para a natureza, rejeitando abstrações e valorizando a experiência sensorial imediata.

Particularmente relevante para a compreensão do nosso poema é a forma como Thoreau, tal como Caeiro, encontra nas estações e nos ciclos naturais uma verdade mais profunda que transcende as construções humanas.

A leitura desta obra permite aprofundar a compreensão de como o sensacionismo de Caeiro se insere numa tradição mais ampla de pensamento que valoriza a relação direta com a natureza como fonte de verdade e sabedoria.



THOREAU, Henry David (2017). *Walden ou A Vida nos Bosques*. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Relógio D'Água.